

## Prólogo

1971, Portugal vive sob ditadura.

Liberdades cívicas suprimidas. Órgãos de informação e atividade literária e artística controladas e sujeitas a censura prévia. Atividades política, associativa e sindical quase inexistentes e controladas pela polícia política.

Guerra colonial em três frentes: Angola, Guiné e Moçambique.

O país encontra-se praticamente isolado da comunidade internacional.

Henrique permaneceu na sala vazia. O silêncio amparava-o na reflexão sobre a matéria para o dia seguinte.

A aula que findara há momentos, sobre os Impérios coloniais, fizera nascer uma pergunta:

— Stôr, gostei muito do filme “Os boinas verdes”. Já viu?

— Sim...— respondeu Henrique

— Fui ver no sábado. O Stôr gostou?

— Na verdade, atualmente não aprecio esse tipo de filmes!

Carlos insistiu:

— Eu gostei muito... bons atores e muita ação.

Dois colegas segredavam. Henrique incentivou o diálogo

— Partilhem com a turma...

Raul tomou a iniciativa:

— Não é sobre o filme, Stôr!

— Então sobre o que é?

— O Carlos quer ir para os páras! Esforçamo-nos para que pense e mude de ideias.

Perplexo, Henrique não sabia o que dizer...

Tomava consciência da perturbante realidade. A maioria deles seria enviada para África dentro de dois, três, cinco anos na melhor das hipóteses.

Pensou: *Tenbo lutado, elaborei textos políticos contra o regime... Mas onde falbei? Por onde tenbo andado? Esqueci-me dos meus alunos, não lhes contei o que os espera...*

O toque de saída esvaziou a sala.

— Voltaremos a este tema... em breve... murmurou.

A hora de almoço, dava-lhe tempo para pensar na matéria do dia seguinte. Decidiu permanecer na sala.

Só, entre paredes, o passado demolidor impôs-se ao presente.

Guiné. Ao comando da coluna militar efetuava um abastecimento entre Nova Lamego e Madina de Boé. Dois quilómetros antes da travessia do rio Corubal, foram surpreendidos por intenso fogo de armamento ligeiro, morteiros e, sabe Deus, o que mais lhes descarregaram em cima.

Uma mina reventou. No meio do ruído insuportável de disparos e rebentamentos contínuos, o enfermeiro tenta ser ouvido...

— Meu alferes, meu alferes, o Pereira, tem de ser evacuado...

Prostrado sobre o barro vermelho da picada, o soldado José Pereira é sacudido por violentas convulsões. Estranhamente, perante os olhos dos camaradas, não esboça um lamento ou um queixume. O salto da Berliet, para a picada, trouxe-lhe má fortuna, venenoso destino... quando tocou no solo, uma mina deflagrou. Destruiu-lhe a perna esquerda, ou terá sido só do joelho para baixo, como disseram alguns... na guerra não há meias verdades, apenas sofrimento e sonhos desfeitos.

Henrique, gritou no meio do som da metralha e aço. — Não há condições para a aterragem do helicóptero.. — Deu instruções ao operador de rádio — Que enviem cobertura aérea.

A picada vedada por árvores derrubadas, aliada ao possante fogo inimigo, impedia qualquer tentativa de evacuação terrestre.

— Meu alferes, vão enviar os Fiat para bombardear a posição inimiga, pedem-nos coordenadas!

— Quais coordenadas? Eles estão em cima de nós. — Gritou, furibundo, o Ajudante Fonseca. O velhinho, como lhe chamavam, vozeou instruções ao cabo. — Miranda trata disso, envia-as para longe, dá-lhes margem. Eles que larguem o inferno em cima dos turras.

O cabo encarregou-se das granadas de fumo, assinalando a posição atacante.

— Mais morfina para o soldado Pereira, à falta de melhor, que não sinta dores, que adormeça, que durma, durma muito, que transcenda este caos. — Sob a tempestade de aço, transportaram o ferido para a precária proteção concedida pelas rodas da Berliet.

— Abriguem-se, vêm aí... — alguém vozeou.

Um avião metralhou a posição atacante.

O fogo do inimigo abrandou, devagar, gradualmente, até cessar completamente.

Reconhecendo a retirada, Henrique ordenou cessar fogo, que tardava em ser cumprido, a tropa não largava o gatilho. Após alguns minutos, a insistência do Sargento Ajudante levou a que as instruções fossem acatadas.

O silêncio das armas, aclarou o lamento dos homens...

Escutava-se um queixume... — minha mãe, oh minha mãe, que mal fiz eu a Deus? Que azar o meu. —

Henrique deu instruções ao operador de rádio: que pedisse a evacuação aérea dos feridos. Enviaram um helicóptero

Dois soldados, em pior estado, foram transportados para Bissau.

Mais fundo, pela noite... chegaram notícias via rádio.

Apesar de todos os esforços, não se conseguiu impedir a morte do soldado José Pereira, que ocorreu pelas 23 horas do dia 15 de abril de 1968. Paz à sua alma.

O soldado Manuel Lemos encontrava-se estável e fora de perigo.

Regressando à sala, ainda ofegante, conferiu as janelas. Temia que, fortuitamente, alguém observasse o transe que o invadira. Não tinha consciência do tempo que decorrera. Quantos minutos? Quinze, vinte... Não sabia!

Procurava obter o desejado equilíbrio.

*Está tudo bem, calma, calma está tudo bem...* Disse para si mesmo.

O silêncio ajudaria a calma a ressurgir. Ambos sustentariam a escolha da matéria seguinte.

A intenção do aluno se oferecer para as tropas especiais tinha-lhe revirado as entranhas, mantinha-se sobressaltado. Sentia a obrigação urgente de o alertar... alertá-los a todos. Falar-lhes sobre o que verdadeiramente os esperava na Guiné ou noutra qualquer frente da guerra.

Refletiu, longamente, sobre a forma de lhes fazer chegar a mensagem. Finalmente decidira o que alterar para a aula seguinte. A consolidação do Império Português no Oriente seria substituída pelo: Papel intelectual da Imprensa.

Iniciou a aula...

— Hoje, contrariamente ao que é usual numa aula de História, não vamos falar do passado. O tema hoje é sobre presente e futuro.

Os rostos surpreendidos mereceram-lhe um aparte.

— Não se assustem, que a aula não é sobre tempos verbais... — disse sorrindo.

Alguns riram, a maioria sorriu tornando o ambiente mais leve...

— Voltando ao tema, hoje vamos falar sobre a comunicação social, abram o livro na página 360... peço que um de vós leia o texto “Desenvolvimento do espírito crítico”.

Um aluno, levantou o braço.

— Podes começar. — disse Henrique

— “As mais das vezes é a informação imediata que prevalece... Para a avaliarmos basta comparar certos jornais dum país livre com todos os de um país sujeito a rigorosa censura.” — O aluno prosseguiu a leitura quase até ao final.

— “Porque se o jornalista tem uma personalidade pode amoldar a ela os seus leitores, em quase todos os assuntos, e pode até impor-lhes uma verdadeira formação.”. “Pode mesmo conquistar para os problemas políticos e culturais as grandes massas que os tinham abandonado em proveito dos casos diversos e da rubrica do cinema.”.

— Podes parar. — disse o professor, iniciando a reflexão.  
— O texto tem algumas imperfeições, que devem ser fruto da tradução, mas isso agora é pouco importante, voltemos ao conteúdo. Já devem ter reparado que as notícias publicadas nos jornais ou emitidas pela rádio ou televisão, raramente retratam a realidade. Vamos falar sobre as razões da não existência de órgãos de informação livre. No penúltimo parágrafo o autor diz-nos: “Porque se o jornalista tem uma personalidade pode amoldar a ela os seu leitores.”. Na realidade, o jornalista em certos países não tem, ou não pode ter, opinião própria sobre a realidade! E porquê? —

A turma permaneceu silenciosa.

Henrique avançou:

— Simples, não lhes é permitido. Por um lado são intimidados a não o fazerem, por outro, se o fizerem o seu trabalho é censurado. Conforme disse no final da aula passada, vamos aproveitar este tema para falar da Guerra no ultramar. Penso que a maioria de vós desconhece que cumpri serviço

militar na Guiné.

Comentavam e sussurravam, um deles disse ao colega:

— Afinal, o Stôr sabe do que fala...

Mostrou o melhor que sabia, as diferenças entre a guerra e as notícias.

Falou-lhes da falta de condições de toda a espécie que a tropa destacada no mato enfrentava. Descreveu o clima quente e húmido, quase irrespirável, os mosquitos e a insalubridade pantanosa onde a guerra se desenrolava. O que era suportar uma alimentação à base de enlatados, meses a fio... Os constantes ataques do inimigo aos aquartelamentos. As picadas repletas de minas, onde a progressão era conseguida à custa de sofrimento e morte. Na época das chuvas o isolamento quase total- Continuou:

— É importante que saibam, na Guiné, a tropa apenas controla as localidades, tudo o resto está em poder dos guerrilheiros, ou turras, como habitualmente lhes chamam. E que dizem os jornais? “A situação está controlada.”. Os mortos e feridos são, quase sempre, convenientemente apresentados como baixas por acidentes de viação. Gostava que pensassem, refletissem sobre tudo o que falámos. Ponderem continuar os vossos estudos para além do liceu... Essa decisão vai trazer-vos mais saídas profissionais e, nalguns casos um possível adiamento da incorporação militar. Pode ser que entretanto, a guerra acabe. De qualquer modo, e até que isso aconteça, não se ofereçam para as forças especiais. Aqueles que o fizerem têm duas garantias; África e a frente de combate.

Após um breve silêncio, um aluno perguntou:

— Stôr... mas aqueles territórios não são portugueses? Não têm de ser defendidos?

— Sim, são territórios sobre administração portuguesa e

então? Onde é que isso nos leva? Estou a falar-vos das vossas vidas, entendem? Gostava, que percebessem que a guerra real, não tem nada a ver com os jornais ou com o cinema, pelo menos com um certo tipo de filmes... Será trágico se algum de vocês for ferido ou coisa pior. Será igualmente marcante, se tiverem que carregar na consciência a morte de alguém para o resto das vossas vidas.

Henrique no final do dia encontrou-se com Ana Maria. Falaram sobre o dia.

Henrique contou-lhe sobre a aula e as mudanças que introduziu, conseguindo assim transmitir aos alunos a sua experiência. Ana Maria assentiu parcialmente.

— Procedeste respeitando a tua consciência. Isso é importante, contudo, não deves esquecer em que regime vivemos e os cuidados que isso nos acarreta.

# Índice

<b>Prólogo</b>	7
<b>Lista de Siglas</b>	9
<b>Repressão – A história de Henrique Monte – Ensaio.</b>	11
<b>Epílogo</b>	85
<b>Notas finais</b>	87
<b>Bibliografia</b>	93
<b>Sobre o autor</b>	95
<b>Índice</b>	97